

UMA TRAJETÓRIA DE ENSINO UNIVERSITÁRIO CONSTRUÍDA PELA CONSOLIDAÇÃO SUPERIOR DE SUA PRÁXIS

Denise Hosana de Sousa Moreira

*Doutora em Sociologia da Infância (UMINHO)
Universidade Estadual do Piauí*
denisehosana@urc.uespi.br

Andréa Patrícia Lins Silva

*Mestre em Ciência da Educação (UMINHO)
Universidade Estadual do Maranhão*
andrealins.7@hotmail.com

O que caracteriza um ensino como superior? Possivelmente, há diferentes respostas embasadas em diferentes perspectivas tanto teóricas quanto práticas. Para essa abordagem, a opção foi por uma delimitação conceitual do termo por comparação com níveis anteriores de ensino e por uma apropriação crítica da proposta de articulação entre ensino, pesquisa e extensão. Esta discussão prossegue com a descrição de um percurso metodológico embasado nesse exercício reflexivo, bem como dos resultados decorrentes de sua aplicação.

Palavras-chave: ensino superior; extensão universitária; pesquisa científica.

UMA DIFERENÇA ENTRE UMA METODOLOGIA SUPERIOR E NÃO SUPERIOR DE ENSINO

O que seria uma metodologia superior de ensino? O enunciado pressupõe a existência de um ensino não necessariamente inferior, mas diferente. Visto que a metodologia é maior que o método nela contido, sua definição poderia envolver, tanto forma quanto contido. A busca de uma resposta por meio do exercício comparativo implica em perguntar o que seria um ensino não superior no que diz respeito à sua metodologia. Para responder a essa pergunta, é necessário saber como se dá o ensino não superior nestes termos.

Uma primeira resposta do que poderia corresponder ao ensino não superior pode estar na condução do aluno por uma aprendizagem passiva, técnica ou propedêutica, apoiada no pressuposto da instrumentalização para uma futura aprendizagem ativa, no sentido da produção de conhecimento. Como ilustração de um conteúdo destinado à

continuidade em algumas graduações, está a tabela periódica. O conhecimento dos elementos químicos, transmitidos antes do ensino superior, pode ser justificado no seu aproveitamento tanto por futuros estudantes de Química quanto de Pedagogia, quando engajados em pesquisas, por exemplo, sobre fórmulas medicinais e em didáticas para o ensino de ciências, respectivamente.

Afirmar a superioridade de um nível de ensino pode significar dizer da aplicação de propostas pedagógicas igualmente superiores e, por conseguinte, diferentes da condução dos aprendizes como meros receptores de conhecimento, passivos e acríticos, sobretudo em relação aos conteúdos transmitidos. Em consonância, a superioridade estaria na promoção de uma aprendizagem crítica, movida por questionamentos e buscas metódicas de suas respostas. Os estímulos a essa motivação decorreriam da aplicação de metodologias destinadas ao mesmo fim.

Contudo, o conhecimento científico ficou cada vez mais especializado, a ponto de dificultar a reconstrução dos laços necessários ao entendimento de todas as suas dimensões construtivas, entre as quais está o estudo dos meios de resolução dos desafios impostos à sua realização. Em metodologia científica, a identificação dos desafios recebe o nome de estudo de viabilidades, cujo propósito consiste em elaborar estratégias dirigidas à obtenção, utilização e manutenção de recursos. Em outras palavras, o exercício da educação científica requer, mais do que competência técnica, engajamento político no sentido de luta pela abertura de frentes garantidoras de sua existência.

Outra diferença do ensino superior para o seu antecessor está na extensão do conhecimento trabalhado. Enquanto limitado a quatro paredes, restrito a professores e alunos, o conhecimento perde o seu caráter dinâmico e tende a ser ultrapassado na medida em que está sempre projetado para ações futuras. A superioridade metodológica estaria, portanto, na sua extrapolação aos limites da sala de aula, de modo a acompanhar a evolução das tecnologias e das sociedades em constante transformação. Entretanto, o modo como se dá essa extrapolação pode determinar o começo ou o fim do sentido transformador da realidade para benefício de todos.

O SENTIDO DO ENSINO SUPERIOR

Não há como ignorar o impacto da abertura de uma universidade, sobretudo, em pequenas comunidades. Ela dá sentido à busca por saberes que transcendam a uma formação meramente técnicas e resultem na superação de injustiças sociais. Entretanto,

esse potencial tem sido cada vez menos estimulado em diferentes áreas do conhecimento, não exclusivamente pela progressiva redução de recursos necessários ao pleno funcionamento de cursos de licenciatura, mas pelo insólito aproveitamento do volume e da diversidade do conhecimento neles produzido, capaz de tornar sua existência não apenas autossustentável como também o sustentáculo de outras instituições educacionais e não educacionais.

A maior viabilidade para a produção de conhecimento científico está no acesso ao campo da pesquisa, onde devem estar a população e os recursos necessários à aplicação dos instrumentos de produção de dados. Não há melhor local de aprendizagem para um estudante do que o seu futuro campo de atuação profissional. Para um estudante de medicina, o melhor campo seria, portanto, um hospital, assim como o melhor campo para um estudante de pedagogia seria uma escola. Entretanto, é necessário estabelecer distinção entre a extensão de conhecimento para a transformação e de conhecimento para a manutenção da realidade configurada.

A utilização de universidades como prestadoras de serviços a comunidades, por sua vez, adotadas como sujeitos do seu campo de pesquisa tende a promover uma dinâmica de trocas, onde professores, alunos e população são colocados, diretamente, à disposição da ciência na busca por conhecimentos resultantes na superação de seus problemas. Há um caráter humanitário nessas trocas quando o atendimento se dá, sobretudo, aos mais afetados pela negatividade de modelos econômicos promotores de concentração de renda e exclusão de serviços básicos de saúde e de educação, por exemplo. Mas, pode haver, também, uma desconstrução da superioridade do ensino universitário por meio da metodologia da pesquisa aplicada nessa extensão.

As limitações do acesso a conhecimentos produzidos em universidades têm causas diversas. Entretanto, entre as muitas causas, cabe destacar a crescente redução de serviços públicos no país. Algumas reduções decorrem da rejeição do conhecimento diretamente produzido nas universidades por setores da administração pública. Em lugar de acordos de parceria entre diferentes instâncias de poder executivo com centros de pesquisa acadêmica, prevalecem as consultorias licitadas, abertas a prestadores de serviços de toda ordem, negociantes de conhecimento adquirido por via indireta, contratados para a aplicação de projetos elaborados com base em lógicas de mercado.

Para ter as portas abertas aos laboratórios naturalmente correspondentes aos seus futuros ambientes de trabalho, muitos estudantes de graduação são colocados na condição de voluntários em projetos de extensão, tendo sua intervenção minimamente

recompensada, quando não exclusivamente por certificados, por bolsas escassas, altamente disputadas no meio acadêmico. Ainda que invisíveis nas estatísticas como corresponsáveis por melhorias na qualidade de determinados serviços públicos, alguns professores e estudantes vêm nessas aberturas estreitas uma oportunidade de qualificação formativa superior.

Não há como justificar a importância de uma universidade desvinculada do cotidiano das comunidades onde esteja inserida, tampouco como encontrar nelas o apoio necessário à sua existência. Na maior aproximação com populações ávidas por serviços básicos, como os de saúde e de educação, além de outros igualmente importantes, como a orientação jurídica e a assistência psicológica, está o embasamento para uma formação profissional politicamente engajada. Essa maior proximidade, feita do contato sensível, direto, deve possibilitar o desenvolvimento progressivo de um olhar crítico sobre a realidade observada. Para tanto, a imersão do estudante no campo da pesquisa social deve partir de um estudo exploratório e descritivo até o alcance do estranhamento, ou seja, da desnaturalização de práticas cotidianas, o que não se dá sem engajamento. Assim, o sentido da universidade pode emergir do ato de se fazer sentir pelos que mais dela necessitam.

UMA METODOLOGIA DE FORMAÇÃO ENGAJADA

Toda iniciativa nascida dos estudantes e que tenha como alvo a sua comunidade deve ser valorizada, sobretudo quando contribui para uma maior aproximação entre universidade e sociedade. Um levantamento feito no segundo semestre de 2016 por graduandos de Administração e de Pedagogia da Universidade Estadual do Piauí (Uespi), do *campus* de Uruçuí, sobre o que sua comunidade interna e externa local esperava do ensino superior resultou na localização de ideias fragmentadas. A expectativa prevaleceu sobre a quantidade e a qualidade dos cursos ofertados em termos de atendimento às demandas profissionais locais em um contexto de pouca diversidade. Não foram observados em seus discursos a noção de um potencial institucional para além da geração de competência técnica. Os resultados apontaram para a emergência da promoção de uma indissociabilidade do ensino com uma pesquisa acadêmica extensiva às comunidades.

O engajamento político impulsionado pela extensão acadêmica sugere maior envolvimento da universidade com a cultura onde está inserida. A apreensão da dimensão cultural envolve o conhecimento de suas práticas cotidianas. Uma aproximação

deliberadamente aberta a trocas assumidamente tanto interessadas quanto desinteressadas. Em outras palavras, onde a busca pelo conhecimento não aniquile o interesse por não produzir nada além do prazer de pertencer a uma comunidade do saber e do não saber que lhe dá sentido. Portanto, o engajamento deve ser, antes de tudo questionador de naturalizações como a própria obrigatoriedade da aquisição de um saber tendente para a exclusão dos que não sabem.

O engajamento com a comunidade uruçuiense descrito aqui se deu pela busca de sedução de adultos, homens e mulheres, trabalhadores, aposentados, desempregados, com muita, pouca ou nenhuma escolaridade, e de crianças escolares de todas as idades. Os atrativos à sua aproximação efetiva envolveram seções de cinema comentado, ciclos de palestras e debates, bem como atividades efetivas, organizadas de modo a viabilizar o acesso permanente aos laboratórios de informática, à brinquedoteca e ao acervo de livros, brinquedos e jogos, à oficina de brinquedos feitos com lixo reciclável e ao espaço destinado aos estudos e à disponibilização de auxiliares na feitura de tarefas escolares.

A partir da aplicação dos atrativos para a comunidade, cada vez mais crianças e adultos passaram a circular por corredores e pátios da Universidade em busca de algo interessante para fazer. A falta do uso do relógio pelas crianças, de modo geral, fez com que sua circulação em torno do prédio da instituição, a pé ou de bicicleta, tivesse início antes das 7 horas da manhã. Lá, esperavam a abertura das oficinas, dos laboratórios e do ambiente de estudos.

O fluxo contínuo de pessoas da comunidade pelos espaços internos da Universidade funcionou como fonte de inspiração dos alunos para a realização de estudos exploratórios, bem como para a promoção de novas ações interventivas. Desse modo, os caminhos do não saber, ou seja, os encontros desinteressados deram passagem aos caminhos do saber.

POR CAMINHOS ALTERNATIVOS DO SABER

Uma vez que a motivação para a busca do saber é intrínseca aos indivíduos, sua imposição pode se constituir em desestímulo. Por este motivo, a proposição do trabalho acadêmico extensivo à comunidade uruçuiense foi de adesão exclusivamente voluntária. Essa iniciativa mobilizou alunos de Pedagogia e de Administração e resultou em mais de cinquenta temas desenvolvidos do ano de 2016 a 2020 sobre assuntos diversos, apresentados em eventos científicos dentro e fora da Universidade, decorrentes da

desnaturalização de práticas observadas a partir das experiências compartilhadas dentro e fora do espaço acadêmico.

As ações dentro do campus disseram respeito a sessões de cinema, oficinas de brinquedos, laboratórios de informática e reforço escolar. Fora do campus, as aproximações com a comunidade envolveram crianças dentro e fora das escolas. Dentro das escolas, muitas crianças foram alfabetizadas. Fora das escolas, crianças foram acompanhadas em práticas esportivas, como futebol e maratonas, e participaram de eventos culturais como rodas de conversa e de concurso de dança. A seguir, estão descritos alguns desses trabalhos.

Dentro do campus, cabe destacar aproximações à comunidade através de sessões de cinema comentado e de atividades nas oficinas de brinquedos. A partir das práticas de cinema comentado, estão os trabalhos de Lopes (2018) e Bispo e Moreira (2018), alunos do curso de Administração, e de Lotici e Mandalla (2019), alunas do curso de Pedagogia. Em seus trabalhos, juntamente com a comunidade, estabeleceram relações entre a realidade social local, abordada de modo genérico, e o conteúdo das exposições. No plano das oficinas de brinquedos, o destaque é para o estudo de Almeida e Silva (2019) sobre a catalogação, por gênero, de brinquedos produzidos pelas crianças.

Em sua análise, Lopes (2018) estabeleceu relação entre o filme e tratamento dado pelos poderes públicos a tabus e mazelas sociais. A obra estudada foi o "Bicho de Sete Cabeças", baseado no drama real de um jovem usuário de maconha internado por seu pai em um manicômio, onde sofreu danos irreversíveis à sua saúde física e mental. Entre as referências utilizadas em seu estudo, a aluna consultou Barbosa (2000) acerca de sua abordagem sobre o reconhecimento do mundo através da arte, bem como Humburger (2007), sobre a espetacularização da pobreza.

Bispo e Moreira (2018) identificaram potencialidades da linguagem cinematográfica como recurso mediador na análise dos problemas da administração pública. O material utilizado como ponto de partida foi o documentário sobre obsolescência programada intitulado "*The Light Bulb Conspiracy*". O trabalho foi inspirado no confronto dos caminhos utilizados pelo poder público com as perspectivas apresentadas pela comunidade nas sessões de cinema comentado. Entre as bases teóricas de suporte às suas análises estão Gohn (2001) e sua interpretação do papel da educação não-formal na construção da cultura política e o clássico da sociologia do cinema Sorlin (1977), no que diz respeito à influência do uso do cinema como base para o estudo de fenômenos sociais.

O filme “Pequenas Flores Vermelhas”, dirigido por Zhang Yan, serviu de base para Lotici e Mandalla (2019) estabelecerem relação entre a ficção e a realidade de crianças criadas por suas avós. As alunas buscaram aspectos passíveis de comparação da realidade social de crianças escolares uruçuienses com a realidade de chinesas, uma vez que, segundo as autoras, em um mundo economicamente globalizado, é possível identificar aspectos em comum entre populações cada vez mais distantes geograficamente. Entre os autores citados em sua revisão de literatura, cabe destacar estudos similares, como os de Cardoso (2010) e de Lopes, Neri e Park (2005), ambos focados na crescente participação dos avós como protagonistas na educação da criança contemporânea.

O acesso livre das crianças às dependências da Universidade teve início como a inauguração do primeiro Parque das Artes da cidade, um espaço aberto nos fundos da Universidade, onde foi instalada a Brinquedoteca do campus. O fluxo de crianças nesse ambiente serviu de inspiração para a realização do estudo das alunas de Pedagogia Almeida e Silva (2019), sobre o tema do ato de brincar de fazer brinquedos. O trabalho investigativo envolveu o estudo das práticas preferencias de crianças por idade e gênero. Entre os estudos relacionados ao tema, as autoras consideraram trabalhos como o de Nascimento (2014), sobre as escolhas preferencias de meninos e de meninas, e de Kishimoto (1998), acerca dos diferentes tipos de brinquedo que envolvem o universo lúdico das crianças.

As aproximações estabelecidas fora do espaço acadêmico ocorreram dentro e fora das escolas. Dentro das escolas, cabe destacar o trabalho de Silva *et al* (2021), cujo olhar foi direcionado para o sentido do tempo da infância implícito nos planos de atividades lúdicas de duas escolas públicas. A valorização do tempo livre foi respaldada em estudos atuais e anteriores aos estudos da infância, a exemplo dos primórdios da civilização, onde o tempo livre era considerado como oportuno para a criação. Como um elemento justificador da valorização do tempo livre, a autora resgata o conceito de ócio delimitado na Grécia antiga, como fundamental para regenerar as forças, impulsionar o novo e dar alento ao espírito, cultivar o conhecimento e a virtude. Seu estudo está embasado por clássicos como Elias (1998) e Arroyo (2017), para os quais a demarcação das ações humanas pelo tempo cumpre uma função controladora sobre indivíduos e populações.

Outro estudo a destacar foi a desnaturalização de pichações deixadas por crianças em paredes escolares feito por Mendonça (2021). Em sua abordagem, a repressão à sexualidade foi considerada a partir de uma breve revisão conceitual de estudos sobre

gênero. Para tanto, foram considerados os trabalhos de Louro (2008), Foucault (1988) e entre essas duas abordagens o autor resgata a dominação masculina descrita por Bourdieu (2002). No que diz respeito ao tema das pichações, considera, entre outros, os estudos de Githay (1999) e Ferrari e Oliveira (2020).

Fora do ambiente acadêmico e da escola, o trabalho de Mendonca e Souza (2019) apontam a menor influência de condutas morais sobre escolhas por gênero feitas entre crianças quando comparadas às escolhas feitas pelos adultos, o que reforça a ideia do gênero como construção cultural a partir do questionamento sobre até onde a cultura de segregação entre sexos pode influenciar a espontaneidade infantil. A base de sua argumentação está apoiada em teóricos como Foucault (1988), por meio do resgate histórico da sexualidade, Finco (2007), que trata da educação sexual dos corpos e Louro (1999) no que diz respeito à educação de gênero.

Toda a produção acadêmica considerada aqui, tanto a descrita como a não descrita, resultou de um processo de desnaturalização promovido pela permanência prolongada no campo de pesquisa exploratória. A relação com a comunidade se deu não por sua utilização como objeto de investigação, mas como coautora anônima de uma iniciação científica com potencial para evoluir de modo responsável a realização de pesquisas com humanos. Portanto, filmes, brinquedos, projetos pedagógicos, pichações e outras produções humanas podem constituir um meio fértil de reflexão sobre a realidade que se pretende transformar para a inclusão e equidade social e o conseqüente benefício de todos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O maior desafio da manutenção da superioridade do ensino universitário está no enfrentamento às ameaças do poder econômico tendente à sua apropriação por meio do discurso da competência técnica, o que, pelo excesso de práticas, tende a inviabilizar uma formação profissional reflexiva. O enfrentamento da exploração dos que buscam um ensino superior no processo de sua formação profissional exige a composição de uma metodologia factível para os alunos. Requer, portanto, a tomada de coerência do seu perfil geral. Esta ação se justifica no fato de que os projetos e planos pedagógicos, ainda que feitos com base em ementas preestabelecidas, permitem ao ministrante, elaborar sua própria metodologia de ensino. A liberdade de cátedra, garantida pelo artigo 206 da Constituição Federal brasileira de 1988 encontra nessa configuração a possibilidade do

exercício contextualizado e crítico da docência. Assim, é possível adaptar diferentes propostas pedagógicas a diversos perfis discentes.

Contudo, em decorrência do progressivo sucateamento da educação superior no Brasil, a partir da desvalorização da carreira docente, as turmas de cursos como o de Pedagogia e o de Administração são compostas, predominantemente, por trabalhadores. Esta configuração justifica a prevalência da oferta de cadeiras noturnas, devido à ocupação laboral do alunado durante o dia. Desse modo, a promoção de estratégias de engajamento social deve incluir diferentes espaços de ação extensionista, bem como metodologias capazes de barrar as ameaças de sua apropriação pelo capital apresentado sobre o discurso de prática formativa, mas que tende a deformar a superioridade de práxis pedagógicas possíveis.

A TRAJECTORY OF UNIVERSITY EDUCATION BUILT BY THE SUPERIOR CONSOLIDATION OF ITS PRAXIS.

ABSTRACT: What characterizes higher education? Possibly, there are different responses based on different perspectives, both theoretical and practical. For this approach, the option was for a conceptual delimitation of the term by comparison with previous levels of education and for a critical appropriation of the proposed articulation between teaching, research and extension. This discussion continues with the description of a methodological path based on this reflective exercise, as well as the results resulting from its application.

Keywords: Higher education; University Extension; Scientific research

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M., SILVA, D. (2019). Brincar de fazer brinquedo: um estudo de práticas preferenciais de crianças por idade e gênero em uma brinquedoteca no interior do Piauí. **Anais do XVIII Simpósio de Produção Científica**, Teresina: Uespi.

ARROYO, M. G. (2017). **Imagens quebradas: trajetórias e tempos de alunos e mestres**. Rio de Janeiro: Vozes.

BARBOSA, J. L. (2000). **A arte de representar como reconhecimento do mundo: o espaço geográfico, o cinema e o imaginário social**, Universidade Federal Fluminense.

BISPO, E.; MOREIRA, D. (2018). Uma lente sobre os problemas ambientais: o cinema como espelho do impacto da obsolescência programada na cidade de Uruçuí. **Anais do XVIII Simpósio de Produção Científica**, Teresina: Uespi.

BOURDIEU, P. (2002). **A dominação masculina**. Tradução: Maria Helena Kühner. 2.ed. RJ: Editora Bertrand Brasil LTDA.

CARDOSO, A. R. (2010). **Ser avó para “estragar” ou para “educar”? Um estudo com grupos de avós que cuidam de netos** (Tese de Doutorado). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

ELIAS, N. (1998). **Sobre o Tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

FERRARI, A; OLIVEIRA, B. (2020). Marcas na Escola: pichação, grafite e subjetividades no ensino com arte. **Educ. Real.**, Porto Alegre, v. 45, n. 1, e88923, 2020.

FINCO, Daniela. (2007). A educação dos corpos femininos e masculinos na educação infantil. IN: **O coletivo infantil em creches e pré-escolas: falares e saberes**. FARIA, A.L.G. de (org.) São Paulo: Cortez.

FOUCAULT, M. (1988). **História da sexualidade: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal.

GITAHY, C. (1999). **O que é graffiti**. São Paulo: Brasiliense. (Coleção Primeiros Passos).

GOHN, M. G.. (2001). **Educação não-formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor**. 2. ed. São Paulo, Cortez.

HUMBURGER, S. (2007). **Violência e pobreza no cinema brasileiro recente: reflexões sobre a ideia de espetáculo**. São Paulo. Novos Estudos-CEBRAP.

KISHIMOTO, T. M. (1998). Diferentes tipos de brinquedotecas. Em A. Friedmann (Org.), **O direito de brincar: A brinquedoteca** (pp. 49-59). São Paulo: Edições Sociais.

LOPES, E. S. L., NERI, A. L. & PARK, M. B. (2005). Ser avós ou ser pais: Os papéis dos avós na sociedade contemporânea. **Textos sobre Envelhecimento**, 8(2), 30-32.

LOPES, S. (2018). Da tela do cinema à realidade social: a gestão pública de mazelas da juventude na cidade de Uruçuí. **Anais do XVIII Simpósio de Produção Científica**, Teresina: Uespi.

LOTICI, K., MANDALLA, M. (2019). Pequenas flores vermelhas: entre a ficção e a realidade de crianças criadas por suas avós na cidade de Uruçuí. **Anais do XVIII Simpósio de Produção Científica**, Teresina: Uespi.

LOURO, G. L. (1999). **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis: Vozes.

LOURO, G. L. (2008). Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, Campinas, v. 19, n. 2, p. 17-23, Aug.

MENDONÇA, P. *et al.* (2021). Infância, sexualidade e gênero em paredes de escolas públicas do Ensino Fundamental em Uruçuí. In: GONÇALVES, Maria Célia da Silva;

JESUS, Bruna Guzman de. **Educação Contemporânea**-Volume 19-Sexualidade. Belo Horizonte: Poisson, p. 19-25.

NASCIMENTO, Antônia C. de O. (2014). Divisão sexual dos brinquedos infantis: uma reprodução da ideologia patriarcal. **O Social em Questão** - Ano XVII - nº 32.

SILVA, V. *et al.* (2021). Os ponteiros da infância no relógio de uma escola de crianças em Uruçuí. In: SILVA, Américo Junior Nunes da. **O campo teórico-metodológico-epistemológico da educação**. Ponta Grossa: Atena, p. 172-182.

SORLIN, P. (1977). **Sociologie du Cinéma**. Paris: Aubier-Montaigne.

SOUZA, L; MENDONÇA, P. (2018). O sexo da dança em um concurso de festa junina na cidade de Uruçuí. Teresina: Uespi. **Anais do XVII Simpósio de Produção Científica**.